



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



CONHECIMENTO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs) PELA POPULAÇÃO DO ALTO TIETÊ.

Marcos Henrique Batista Teixeira¹; Maria Eduarda Mendonça Marrano²; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto³, Leovaldo da Silva Alcântara⁴

1. Estudante - curso de Psicologia.; e-mail:marcosbht@outlook.com.br;
2. Estudante - curso de Psicologia; e-mail:rattozamarrano@gmail.com;
3. Professora - UMC; e-mail:geovanamc@umc.br;
4. Professor - UMC; e-mail:leovaldoalcantara@outlook.com.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Palavras-chaves: Prevenção; Epidemiologia; Mídia; HIV; Sífilis; HPV.

INTRODUÇÃO

O termo Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) deixou de ser utilizado em 2016, quando o Ministério da Saúde em consonância com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), designou o termo Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), com intuito de abranger as doenças sexualmente transmissíveis que, no que lhes concernem, podem ou não ser assintomáticas, e o sujeito, ainda assim, poder transmitir uma das infecções (SOUZA, 2018). Segundo o Boletim Epidemiológico HIV/AIDS (2014), existiam cerca de 734 mil pessoas vivendo com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS) no Brasil em 2014, prevalência de 0,4% da população, sendo essa maior na população entre 15 a 49 anos (0,6%), e drasticamente maior em pessoas em homens que mantém relação sexual homoafetiva (10,5%), pessoas em situação de vulnerabilidade, como usuários de drogas (5,9%), e em mulheres prostitutas (4,9%). De 1980 até 2019, foram identificados 950 mil casos de SIDA no Brasil, com uma média de 39 mil casos nos últimos anos e 338 mil mortes com o HIV/SIDA como causa básica (BRASIL, 2019). Com a grande dimensão das ISTs, faz-se necessária a disseminação de informação e conscientização da população para que, conscientes das consequências de suas ações, vivam mais saudáveis, e expressem a sexualidade com segurança (REIS; MATOS, 2007). Dessa maneira, a pesquisa busca identificar qual o conhecimento da população do Alto Tietê sobre as ISTs, com hipótese que este se limita ao que é recorrente na mídia como televisão, novelas e jornais, restrito à SIDA, herpes genital, gonorreia e sífilis. Entretanto, hipotetiza-se que a população não possui conhecimento sobre as demais ISTs como o HPV, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Candidíase, Cancro Mole, entre outras. As ISTs são um grande problema para a saúde pública, campanhas de prevenção são onerosas e os novos casos das doenças são recorrentes. Desse modo, é de importante um estudo que avalie o conhecimento da população acerca das ISTs, e compare com seu perfil sociodemográfico. Espera-se que os resultados sejam de valor para a comunidade, para as prefeituras locais possam focar em suas campanhas de prevenção mais assertivamente, e contribuir para o avanço de diversas áreas de conhecimento acadêmico.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



OBJETIVOS

Investigar o conhecimento da população do Alto Tietê sobre de Infecções Sexualmente Transmissíveis, classificar sociodemograficamente e analisar suas respostas.

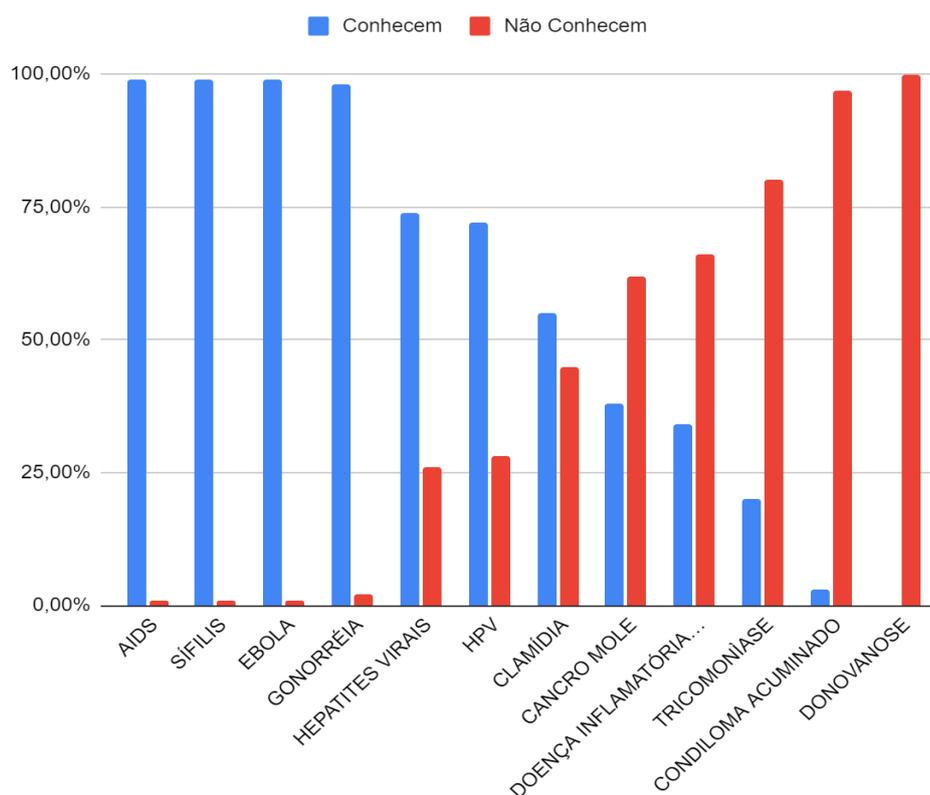
METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de levantamento descritiva do tipo transversal, que é o tipo de pesquisa que visa, coletar e descrever fenômenos de uma população, e propor relações entre as variáveis a partir dos dados coletados (GIL, 2008). Na pesquisa, foi utilizada a netnografia como forma de investigação científica, a partir de três passos: (1) preparação para entrada no campo de estudo, (2) coleta de dados e (3) interpretação e análise dos dados obtidos (KOZINETS, 2014). Fizeram parte da pesquisa 100 pessoas do Alto Tietê que responderam o questionário sociodemográfico, abrangendo questões sobre estado civil, idade, sexo, religião e renda. Foi disponibilizado de maneira *online* um questionário específico englobando questões objetivas sobre o conhecimento acerca de ISTs, o *link* foi divulgado em grupos do *Whatsapp* e *Facebook*, da região, como grupos de vendas da região, grupos de universitários e grupos religiosos, além do *Instagram*, pelo *stories*. A amostra foi acidental não estratificada, (ANDRADE, 2011), tendo como critérios de inclusão: (1) ter 18 anos ou mais; (2) ser residente de cidades do Alto Tietê; e critérios de exclusão: (1) profissionais que atuem diretamente com ISTs. Foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) *online*, conforme previsto nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, anexado antes do questionário, assegurando o sigilo, respeito e anonimato dos dados dos voluntários na pesquisa. Após o aceite no TCLE, foi aplicado um questionário sociodemográfico e o questionário socioeconômico Critério de Classificação Econômica Brasil. Posteriormente, foi aplicado um questionário específico com 30 questões sobre conhecimento sobre as ISTs. A coleta de dados durou o período de dois meses.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gráfico 1. Distribuição de ISTs pelo conhecimento dos participantes



Fonte: Dados da pesquisa. 2021.

Conforme o Gráfico 1, os participantes têm maior conhecimento sobre SIDA, a Sífilis e o Ebola. Com isso, pode-se perceber que o conhecimento se limita às ISTs que são comumente evidenciadas pelos veículos de comunicação em campanhas publicitárias, filmes, novelas e seriados, evidenciando a necessidade de tecer considerações acerca do impacto dos meios de comunicação de massa sobre o sistema de saúde da população. ISTs como cancro mole, doença inflamatória pélvica, e tricomoníase, uma baixa parcela dos voluntários disseram já terem ouvido falar. Já as infecções de condiloma acuminado e donovanose, os percentuais foram menores ainda. Ninguém respondeu conhecer donovanose, podendo estar atrelado a baixa divulgação e pouco enfoque na infecção por parte das mídias e agências governamentais, como defende Souza (2018), nos últimos anos, ocorreu uma maior divulgação de informações sobre as ISTs, entretanto essas informações



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



não englobam todas as ISTs. Ainda segundo os autores, faz-se necessárias estratégias educativas mais dinâmicas e eficazes, de modo a promover uma educação sobre a saúde sexual e reprodutiva da população, com informações bem fundamentadas, com lastro de profissionais da saúde atuantes com as escolas, pois estes operam um papel transformador na vida dos alunos, e da família e comunidade por consequência. Strasburger (1999) salienta que para uma notícia causar impacto sobre a população é necessário que essa mesma população se identifique com a situação-problema, e assim relacione com sua própria realidade. Para o autor, a mídia cumpre um papel de modo a afetar o pensamento, comportamento e a saúde mental de seus consumidores. O desconhecimento sobre as ISTs, identificado neste estudo, pode estar atrelado ao fato de que a mídia aborda a questão de forma superficial, uma vez que esses são assuntos complexos e densos, que acabaria por ocupar um espaço maior nela, o que tem custos altíssimos e de baixo interesse do poder público. Cirino e Tuzzo (2015) apontam que a mídia atua em função de sua sobrevivência enquanto agência de controle, pela obtenção de lucro, então seus interesses podem entrar em conflito com os interesses da esfera pública. Os autores ressaltam a importância do que chamam de “mídia cidadã”, cumprindo um papel de instruir, informar, educar e orientar sobre direitos e deveres dos indivíduos, encorajá-los para incomodar o poder político para que busquem soluções para os problemas da saúde pública, orientar também sobre procedimentos e a realidade da situação da saúde no país, na veiculação de campanhas nacionais de saúde, cobertura adequada de campanhas, denúncia e valorização de ações preventivas. Com isso, evidencia-se que há uma demanda pela cobertura das ISTs em sua íntegra, não apenas de uma parcela dessas. Alves (2020) apresenta que, a partir da década de 80, a mídia cumpriu um papel de disseminação de preconceitos contra indivíduos com alguma infecção sexualmente transmissível, na medida que a mídia passou a cobrir o que, no momento, era tido como um tipo incomum de câncer que atingia a população homossexual. Os autores dizem que a mídia cumpriu um papel de disseminação de estigmas, preconceitos e proliferando a discriminação contra o portador do vírus HIV, mas a ocorrência de casos de AIDS em personalidades públicas culminou na maior visibilidade e conscientização, como o ator Rock Hudson, o vocalista Freddy Mercury, Cazuza, Renato Russo, entre outras personalidades que ocuparam um papel de porta-vozes da prevenção contra a AIDS e do respeito aos direitos dos soropositivos. Ou seja, além de muitas vezes a mídia não cumprir com sua função social de informar, acaba por potencializar discriminação.



CONCLUSÃO

Com este estudo, identificou-se que o conhecimento da população estudada acerca das ISTs se limita a SIDA/AIDS, gonorreia e ebola, ou seja, ao que é recorrente no convívio social, escolas e através da mídia tradicional, como televisão, novelas e jornais pois, grande parte dos participantes responderam desconhecer infecções que são menos recorrentes nos programas de conscientização e campanhas de divulgação de informações sobre ISTs, como donovanose, condiloma acuminado e tricomoníase. Os resultados desatacam também a superficialidade deste conhecimento, uma vez que as questões específicas sobre cada infecção tiveram um baixo percentual de acerto, e um grande percentual de entrevistados afirmaram desconhecimento sobre as especificidades de cada infecção. Esses resultados evidenciam a necessidade de uma cobertura integral destes programas de prevenção e educação acerca de todas as ISTs. Diante dos desafios na elaboração deste artigo, constatou-se que os dados sociodemográficos não caracterizam como representativos do Alto Tietê, uma vez que, o acesso ao link do questionário foi feito em sua maioria por estudantes universitários, o uso netnografia pode ter levado a isso, limitações essas que ocorreram decorrente do contexto da pandemia do COVID-19. Entretanto, mesmo se tratando de uma população majoritariamente acadêmica, houve um alto percentual de erro nas ISTs fora do cotidiano midiático. Diante do conhecimento destas limitações deste estudo, sugere-se a realização de novos estudos nesta temática, usando outros métodos de coletas de dados e com outras populações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ricardo Henrique Ayres. Artes visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades. Tese: Doutorado em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214418/001118960.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 07 de set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde- Boletim Epidemiológico HIV/AIDS. 2014. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/node/73>> . Acesso em 15 de Março, 2020.

_____. Ministério Da Saúde- Boletim Epidemiológico HIV/AIDS - 2019. 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>> . Acesso em 15 de Março, 2020.

CIRINO, José Antônio Ferreira; TUZZO, Simone Antoniacci. Comunicação e saúde: mídia como agente social de saúde. In: **Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. 2015. p. 4-6. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0235-1.pdf>> Acesso em 05 de agosto de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed, São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Editora, 2014.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



REIS, Marta dos; MATOS, Margarida Gaspar de. Conhecimentos e atitudes face ao uso de métodos contraceptivos e à prevenção das ISTs em jovens. **Revista Lusófona de Ciências e Tecnologias da Saúde**, n. 1, (4) pg. 23-35, 2007. Disponível em: <https://venturasocial.com/arquivo/1303593716_RLCTS_2007.pdf> Acesso em 7 de out. 2021.

SOUZA, Lucas Santos. **Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas do município de Aracaju/SE**. Trabalho de Conclusão de Curso- Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Sergipe, 2018.

STRASBURGER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.